

Aprendendo com as diferenças: Hortoterapia como ferramenta de inclusão social de alunos da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE)



ISSN 2358-7180

*Learning from differences: Hortotherapy as an
social inclusion tool for students of the Association of
Parents and Friends of the Exceptional (APAE)*

Sylmara Silva¹, Stéfany Martins da Silva Lino², Carlos Henrique de Souza³, Aline Pereira Botelho Josué⁴, Generci Dias Lopes⁵, Cleiton Lourenço de Oliveira⁶

RESUMO

O cultivo de hortaliças pode ser utilizado como terapia psicossocial, uma vez que permite o contato com a natureza, diminui a ansiedade, proporciona relaxamento, aumenta a autoestima, resgata o conhecimento popular sobre o cultivo de alimentos, além de promover a inclusão social. O projeto Inclusão Social - Aprendendo com as Diferenças teve como objetivo proporcionar o ensino e a prática no cultivo de hortaliças aos usuários da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) a partir de atividades desenvolvidas no Setor de Olericultura da Universidade Federal de Lavras em Minas Gerais. Ao longo das oito semanas de desenvolvimento do projeto, foram realizadas diferentes atividades como a produção de mudas em bandejas, desbaste, transplante das mudas em canteiros e vasos, preparo de substrato para produção de mudas, irrigação das culturas no campo, adubação das culturas, pulverização com caldas naturais, manejo de plantas invasoras por meio de capina manual e com enxada, colheita e manejo pós-colheita. Ao final do ciclo de cada cultura, os alunos puderam fazer a colheita, levar para casa e preparar receitas com as hortaliças. Para avaliação do projeto, foi aplicado um questionário aos responsáveis. As atividades possibilitaram ensinar aos alunos diversas práticas agrícolas comuns na produção de hortaliças, promoveram a melhoria da concentração e o desenvolvimento de atividades motoras, incentivaram a implantação de hortas domésticas e o aumento no consumo de hortaliças, além de permitir a inclusão dos alunos nas ações da universidade.

¹ Doutoranda em Fitotecnia. Universidade Federal de Lavras (UFLA), Lavras, MG, Brasil. E-mail: sylmara-silva@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4502-6429>

² Técnica em Agropecuária. Universidade Federal de Lavras (UFLA), Lavras, Minas Gerais, Brasil. E-mail: stefany.lino@ufla.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9257-5060>

³ Graduando em Agronomia. Universidade Federal de Lavras (UFLA), Lavras, MG, Brasil. E-mail: carlos.souza2@estudante.ufla.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4189-8246>

⁴ Pedagoga Especialista em Atendimento Educacional Especializado. APAE, Lavras, Minas Gerais, Brasil. E-mail: alinepblv@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0824-2955>

⁵ Mestre em Ciência Animal. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais, campus Muzambinho (IFSULDEMINAS), Muzambinho, MG, Brasil. E-mail: generci.lopes@ifsuldeminas.edu.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6923-1208>.

⁶ Doutor em Fitotecnia. Universidade Federal de Lavras (UFLA), Lavras, MG, Brasil. E-mail: cleiton.oliveira@ufla.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6966-2286>

Palavras-chave: Deficiência intelectual e múltipla; terapia; olericultura; extensão universitária.

ABSTRACT

The cultivation of vegetables can be used as psychosocial therapy, since it allows contact with nature, reduces anxiety, provides relaxation, increases self-esteem, rescues popular knowledge about food cultivation, in addition to promoting social inclusion. The Social Inclusion - Learning from Differences project aimed to provide teaching and practice in growing vegetables to users of the Association of Parents and Friends of the Exceptional (APAE) based on activities developed within the Horticulture Sector at the Federal University of Lavras in Minas Gerais. During the eight weeks of the project's development, different activities were carried out, such as the production of seedlings in trays, thinning, transplanting of seedlings in beds and pots, preparation of substrate for the production of seedlings, irrigation of crops in the field, fertilization of crops, spraying with homemade natural pesticides, management of invasive plants by manual weeding and with hoe, harvest and post-harvest management. For the evaluation of the project, a questionnaire was applied by those responsible. The activities taught students various common agricultural practices in the production of vegetables, promoted the improvement of concentration and the development of motor activities. Also, encouraged the implementation of home gardens and increased consumption of vegetables, in addition to allowing the inclusion of students within the university.

Keywords: Intellectual and multiple disabilities; therapy; horticulture; University Extension.

INTRODUÇÃO

A hortoterapia é uma atividade terapêutica que, por meio da prática do cultivo de plantas, busca desenvolver uma melhor qualidade de vida aos seus envolvidos. De acordo com Feitosa et al. (2014), a horticultura favorece a inclusão social, além de permitir envolver os usuários com o meio ambiente no tratamento das suas necessidades especiais, proporcionar relaxamento, diminuir a ansiedade, aumentar a autoestima, resgatar o conhecimento popular, sendo então um importante instrumento de terapia psicossocial.

O acesso à cultura, a novos conhecimentos e às relações sociais, pode possibilitar avanços qualitativos no desenvolvimento psíquico dos alunos com deficiência intelectual e múltipla. Dessa forma, para desenvolver o seu psiquismo, a criança necessita das relações com o mundo ao seu redor (LEONEL e LEONARDO, 2014).

A Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) do Sistema Único de Saúde (SUS) tem como objetivo a incorporação de outras racionalidades terapêuticas bem como o apoio e a implementação de experiências que já vêm sendo desenvolvidas na rede pública. Apesar da horticultura não ser listada como uma prática terapêutica, Costa et al. (2015) consideram que o cultivo de hortas comunitárias mostra-se uma prática promotora da saúde que integra elementos fundamentais das PIC, além de serem um espaço favorável ao processo de ensino e aprendizagem (SILVA e LARANJA, 2020).

Comumente, são encontrados na literatura relatos de atividades envolvendo a hortoterapia a partir de hortas implantadas especificamente para esse objetivo, conhecidas popularmente como hortas escolares. Porém, são escassos relatos de experiências de inclusão de pessoas com deficiência realizados dentro de unidades de produção agrícola tradicionais ou dentro das universidades como parte de ações extensionistas. No entanto, cada vez mais, é requerido das universidades uma participação mais ativa junto à comunidade externa, sendo que a extensão universitária, além de atender demandas externas, pode também contribuir com a produção de novos conhecimentos e a qualificação do corpo docente e discente (COELHO, 2014).

O projeto Inclusão Social - Aprendendo com as diferenças teve como objetivo proporcionar o ensino e a prática no cultivo de hortaliças aos aprendizes da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), do município de Lavras, em Minas Gerais, a partir de atividades desenvolvidas no Setor de Olericultura do Departamento de Agricultura da Universidade Federal de Lavras.

MÉTODOS

A implantação e execução do projeto ‘Inclusão Social - Aprendendo com as Diferenças’ são oriundas de um programa de extensão voltado para o mesmo propósito no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais (IFSULDEMINAS). A condução das atividades foi realizada no Setor de Olericultura do Departamento de Agricultura da Escola de Ciências Agrárias (ESAL), da Universidade Federal de Lavras (UFLA), durante oito semanas, entre os meses de outubro e dezembro de 2019.

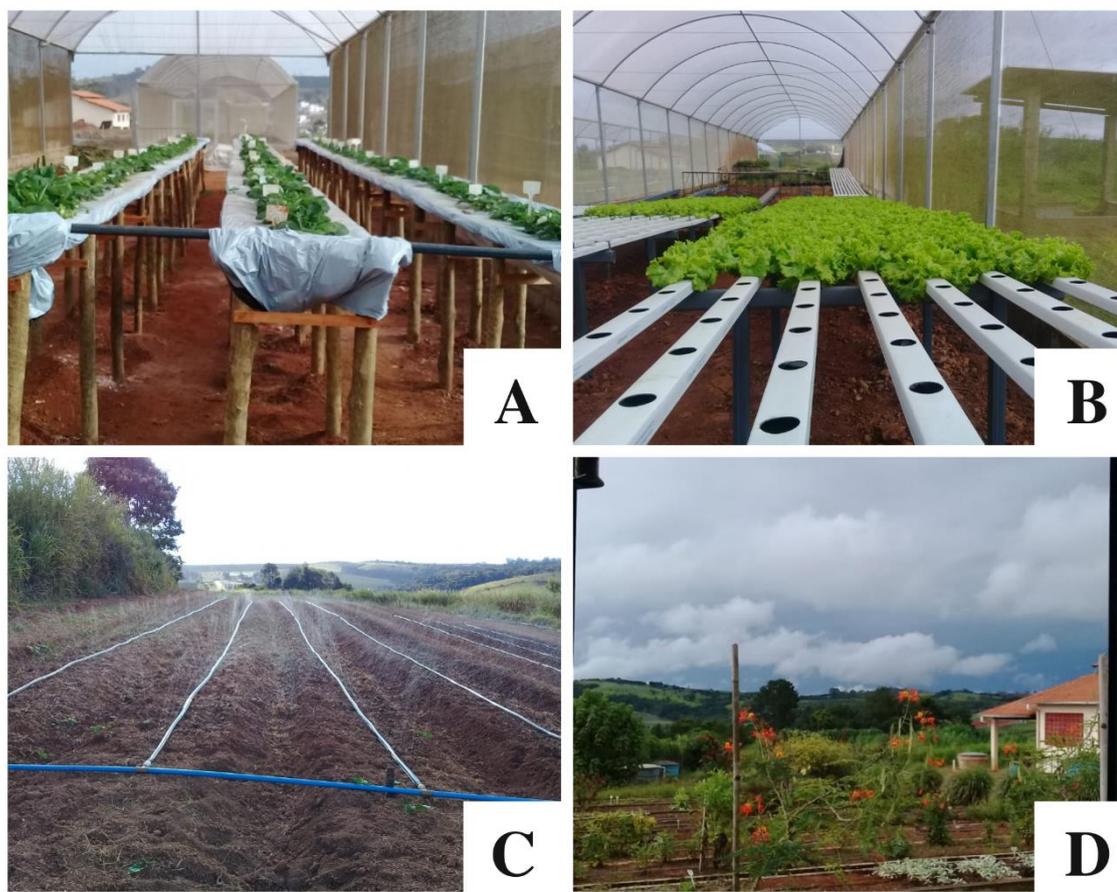
O projeto de extensão foi desenvolvido com oito aprendizes da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), do município de Lavras- MG. A APAE é uma organização não governamental, sem fins lucrativos, que atende gratuitamente às pessoas com deficiência intelectual e múltipla, prestando serviços gratuitos de educação especial, serviços clínicos especializados (Fisioterapia, Fonoaudiologia, Terapia Ocupacional, Psicologia, Psicopedagogia, Pedagogia, Médicos) de habilitação e reabilitação, e ainda de atenção socioassistencial (Serviço Social).

Os aprendizes que participaram do projeto Inclusão Social - Aprendendo com as Diferenças são participantes do projeto “Oficinas do Viver”, que atende a pessoa com deficiência intelectual a partir de 15 anos de idade que já tenha terminado sua fase de

escolarização e não foram inseridas no Mercado de Trabalho. Para a realização das atividades, os participantes foram levados ao Setor de Olericultura da UFLA, uma vez por semana, pelo ônibus cedido pela prefeitura municipal, acompanhados da monitora responsável.

O Setor de Olericultura da UFLA tem como objetivo permitir que os discentes de graduação, pós-graduação e visitantes realizem atividades direcionadas ao “tripé” da universidade, sendo o ensino, a pesquisa e a extensão. O setor é composto por cinco casas de vegetação com sistema automático de irrigação, sendo que essas áreas de cultivo protegido são destinadas ao cultivo em vasos, cultivo em calhas, cultivo hidropônico e à produção de mudas (Figura 1A e B). O restante da área é destinado ao cultivo em campo aberto com a utilização de covas, canteiros e leiras (Figura 1C)., sendo uma das áreas dedicada a cultivos em sistema orgânico de produção. Na sede do setor existem três laboratórios destinados às avaliações de pós-colheita e ao armazenamento dos materiais propagativos. O Setor possui também o Banco de Germoplasma de Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC), permitindo o cultivo de cerca de 20 diferentes espécies, utilizadas tanto como material de aulas práticas quanto em pesquisas acadêmicas (Figura 1D).

Figura 1. Setor de Olericultura da Universidade Federal de Lavras. Área de cultivo de morango em calhas (A), área de cultivo hidropônico (B), área de plantio em canteiros (C) e Banco de Germoplasma de Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) (D).



Fonte: Arquivo dos autores (2020).

As atividades realizadas no Setor de Olericultura foram programadas conforme as demandas reais do setor, de forma a inserir melhor os participantes dentro dos sistemas de produção agrícola. Todas as práticas foram conduzidas pelos alunos da APAE, com o acompanhamento da técnica responsável pelo setor, dois discentes voluntários, sendo um de graduação e um de pós-graduação e coordenado pelo professor responsável da disciplina de Olericultura Geral, oferecida na grade curricular do curso de Agronomia.

Inicialmente, antes de cada atividade, foram realizadas explicações sobre o que seria trabalhado e qual a importância daquela prática agrícola. Nesse momento, os alunos tinham a oportunidade de tirar dúvidas e apresentar seus questionamentos. Posteriormente, os voluntários realizavam uma pequena demonstração e os alunos então reproduziam o que haviam aprendido.

Ao longo das oito semanas de realização do projeto, os aprendizes da Oficina do Viver tiveram a oportunidade de participar de diversas atividades que são rotineiras dentro do Setor de Olericultura, sendo os encontros realizados uma vez por semana. Entre as primeiras atividades, foi realizada a produção de mudas de hortaliças em bandejas, envolvendo

operações de enchimento com substrato, semeio, cobertura, acondicionamento em estufa e desbaste na semana seguinte. Posteriormente, os alunos realizaram o transplântio das mudas nos canteiros e em vasos, preparo de substrato para vasos, irrigação das culturas no campo, adubação, pulverização com caldas alternativas para agricultura orgânica, manejo de plantas invasoras por meio de capina manual e com enxada, colheita e manejo de pós-colheita. As hortaliças cultivadas foram: alface, morango, couve, cebolinha, pepino, abóbora e tomate. Ao final do ciclo de cada cultura, os alunos puderam fazer a colheita, levar parte da produção para casa e preparar receitas com as hortaliças.

Durante as atividades, preconizou-se a utilização de manejo orgânico no cultivo de hortaliças, bem como o enfoque na importância da preservação ambiental, conservação do solo e da água. Além de realização de boas práticas agrícolas, os alunos receberam instruções básicas sobre segurança de trabalho no campo, como o uso de calçado fechado, uso de calça comprida, uso de protetor solar e boné, além de cuidado com animais peçonhentos.

Durante o projeto, os alunos também tiveram oportunidade de visitar a estufa de hidroponia para entender o funcionamento do equipamento e visitar o Banco de Germoplasma de Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC). Durante a visita ao banco, o técnico responsável explicou sobre espécies e quais seus usos mais comuns -culinários ou medicinais. Os alunos tiveram a oportunidade de degustar azedinha (*Rumex acetosa*), flores de capuchinha (*Tropaeolum majus* L.) e também flores de jambu (*Acmellaoleracea*).

No final do ano letivo, foi realizada uma confraternização com os envolvidos no projeto como forma de celebrar as atividades desenvolvidas. Durante a confraternização, foi realizado um espaço de troca de experiências e os alunos relataram as impressões sobre o projeto. Eles relataram quais foram as atividades que mais gostaram de executar, quais as que gostariam de participar no próximo semestre, o que eles achavam do projeto e qual o impacto em seus ambientes familiares. A monitora responsável também relatou suas impressões acerca das atividades desenvolvidas.

Para melhor avaliação do projeto, foi realizada a aplicação de um questionário por meio da ferramenta Google Formulários, composto por 12 questões fechadas e um espaço para sugestões que foi preenchido pelos responsáveis dos participantes. As questões tiveram como principal objetivo identificar quais os impactos do projeto nos participantes, bem como o histórico dos alunos com relação ao acesso à universidade e a participação em outros projetos de extensão. Destaca-se que as atividades foram suspensas no início do primeiro semestre letivo de 2020 devido à pandemia da Covid-19.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De forma geral, a rotina dos usuários da APAE se limita a dois espaços: suas casas e a associação, com restrição de contato com o mundo, além desses dois ambientes. A inclusão de mais um espaço de vivência dentro de suas rotinas constitui um fator benéfico na interação social dos alunos. Neste sentido, o primeiro aspecto positivo do ‘Projeto Inclusão Social - Aprendendo com as Diferenças’ foi a inserção aprendizes da Oficina do Viver da APAE nas ações da Universidade Federal de Lavras. De acordo com o questionário respondido pelos responsáveis, 66,7% dos alunos não haviam visitado a universidade anteriormente, 16,7% haviam visitado poucas vezes e 16,7% já haviam visitado várias vezes. Dos Santos e Oliveira Pacheco (2011) afirmam que é necessário que seja promovida a interação social, uma vez que esta tem imensa importância no desenvolvimento das relações cotidianas das pessoas com deficiência, não só na área de educação, mas em toda a esfera pública.

Com relação à participação dos aprendizes em projetos extensionistas na UFLA, apenas 16,7% haviam participado de um projeto anteriormente. Apesar da universidade ainda ser vista erroneamente como um ambiente acadêmico destinado a apenas gerar conhecimento, formar profissionais e disponibilizá-los para a sociedade, a atividade extensionista e o papel social da universidade devem cada vez mais fazer parte das discussões sobre inclusão e cidadania. O projeto de extensão permitiu que os aprendizes da Oficina do Viver vivenciassem a universidade de uma forma mais ampla do que habitualmente acontece, uma vez não só visitaram o espaço, como também realizaram atividades que até então não faziam parte do seu cotidiano (Figura 2).

Figura 2 - Participantes do ‘Projeto Inclusão Social - Aprendendo com as Diferenças’ preparando o substrato para cultivo de hortaliças em vasos no Setor de Olericultura da Universidade Federal de Lavras, MG.



Fonte: Arquivo dos autores (2020). Imagens autorizadas pelos responsáveis e pela Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), de Lavras – MG.

Outro aspecto bastante positivo foi o contato dos aprendizes com o cultivo de hortaliças, sendo que a grande maioria dos alunos participantes (83,3%) não havia realizado esta atividade anteriormente (Figura 3). Semelhante ao que foi trabalhado no projeto, é possível encontrar na literatura relatos positivos da utilização da hortoterapia como ferramenta de inclusão. Rosa e Huber (2018), em trabalho que teve como objetivo proporcionar aos usuários da APAE (Bagé-RS), conhecimento de diferentes ações agroecológicas e sustentáveis, ressaltaram que os alunos demonstraram grande capacidade de aprender e reproduzir o conhecimento adquirido tanto nas aulas práticas, quanto nas aulas teóricas.

Figura 3 - Participantes do ‘Projeto Inclusão Social - Aprendendo com as Diferenças’ realizando a capina dos canteiros de hortaliças no Setor de Olericultura da Universidade Federal de Lavras, MG.



Fonte: Arquivo dos autores (2020). Imagens autorizadas pelos responsáveis e pela Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), de Lavras- MG.

O cultivo de hortaliças pelos alunos da APAE também foi relatado por Reis et al. (2012). De acordo com os autores, a prática pedagógica possibilitou despertar maior interesse dos alunos no desenvolvimento de atividades ligadas à natureza, melhoria na alimentação por meio da busca pelo consumo de alimentos mais saudáveis e o incentivo à construção de hortas domésticas. Os autores ressaltam que é importante que as atividades introduzam os conceitos científicos por meio da convivência social Reis et al. (2012).

Silva e Laranja (2020) utilizaram a horta escolar como recurso pedagógico para o ensino de geografia à pessoa com deficiência intelectual e múltipla, e consideram que a horta constitui um espaço favorável ao processo de ensino e aprendizagem, auxiliando a compreensão e reflexão sobre os saberes geográficos, além de fortalecer ações de inclusão no espaço escolar.

Camargo et al. (2015) relataram o uso de atividades de produção de hortaliças como técnica auxiliar no tratamento de pacientes com deficiência intelectual, por meio de práticas desenvolvidas em uma horta localizada na Fazenda Experimental da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). De acordo com os autores, as atividades desenvolvidas na horta foram muito efetivas na complementação do tratamento dos pacientes com deficiência intelectual associada a significativa melhoria na condição dos pacientes no decorrer do projeto. Os autores também consideram que as ações foram de grande importância para os alunos extensionistas, uma vez que permitiu o desenvolvimento de habilidades de extensão e crescimento em cidadania. A participação dos estudantes em atividades extensionistas permite aumentar seu engajamento social e também qualificar-se profissionalmente, uma vez que, por

meio da interação com a sociedade, se tem uma fonte de conhecimentos populares atrelados ao saber científico (COELHO, 2014).

Os voluntários do projeto 'Inclusão Social - Aprendendo com as Diferenças' consideraram que as atividades auxiliaram no desenvolvimento da empatia com as pessoas com deficiência e um maior engajamento social. Com relação às habilidades técnicas, o projeto permitiu que os participantes buscassem formas mais simples e aplicadas de explicar tanto as atividades, quanto os conhecimentos científicos relacionados às práticas, e também possibilitou uma oportunidade de exercitar a capacidade de interagir com diferentes indivíduos e desenvolver o trabalho em equipe.

De acordo com o questionário, todos os aprendizes da APAE participantes do projeto iniciaram cultivos domésticos a partir das mudas recebidas no Setor de Olericultura (Figura 4). Camargo et al. (2015) também relataram que as atividades de hortoterapia motivaram alguns pacientes a instalarem pequenas hortas em suas casas.

Figuras 4 Cultivo doméstico de morango a partir de mudas obtidas no projeto Inclusão Social - Aprendendo com as Diferenças.



Fonte: Arquivo dos autores (2020).

O cultivo de hortas domésticas possui inúmeros benefícios, como a melhoria da alimentação do núcleo familiar por meio da utilização de alimentos frescos e sem o uso de defensivos químicos, aumento da diversidade de hortaliças consumidas e contato diário com a natureza. As hortas domésticas também permitem que os alunos exercitem as habilidades adquiridas durante o projeto, acompanhem diariamente o desenvolvimento das plantas e

desenvolvam tarefas relacionadas ao cultivo de forma responsável, como por exemplo, a prática da irrigação.

Outro fator que contribuiu para a melhoria da alimentação dos alunos foi a oportunidade de colher as hortaliças no Setor e levarem para casa. Na semana seguinte à colheita, os alunos relataram as formas de preparo, quais receitas eles mais gostavam, o que acharam do sabor e como as hortaliças faziam bem para a saúde. Comportamento semelhante ao observado no presente trabalho foi verificado por Guimarães et al. (2020), que relataram que o fato de os alunos levarem os vegetais produzidos por eles próprios para suas residências, proporcionou uma alimentação mais saudável, além de promover um estreitamento da relação aluno-alimento. De acordo com o questionário, compostos pelas alternativas “muito positivo”, “positivo”, “indiferente” e “negativo” os responsáveis consideraram que o projeto trouxe resultados positivos (33,3%) e muito positivos (66,7%) para a alimentação dos participantes.

Dentro do ‘Inclusão Social - Aprendendo com as Diferenças’, pode-se considerar que o Setor de Olericultura da UFLA atuou como um importante espaço de troca de conhecimentos e aprendizado de ações sustentáveis, semelhantes à proposta de criação de Viveiros Educadores (LEMOS e MARANHÃO, 2008). De acordo com Lopes, Lacerda e Albuquerque (2020), os viveiros educadores são ambientes de trabalho que buscam estimular, orientar e apoiar a implantação de viveiros florestais como espaço de aprendizagem e disseminação da cultura do plantar.

Durante a realização das práticas agrícolas, buscou-se inserir conceitos sobre a conservação do solo, conservação da água, estratégias de manejo conservacionistas dentro dos agroecossistemas, de forma simples, porém aplicada (GUIMARÃES et al., 2020) enfatizam que a educação ambiental é uma necessidade das sociedades contemporâneas, devendo proporcionar uma visão mais integrada do meio ambiente, fomentar valores éticos, econômicos e também culturais. Quando questionados sobre a importância do contato com a natureza para o desenvolvimento dos alunos, 66,7% dos responsáveis consideraram muito positivo e 33,3% consideraram que é positivo.

O projeto ‘Inclusão Social - Aprendendo com as Diferenças’ permitiu que os alunos desenvolvessem a capacidade de realizar atividades de forma mais metódica e calma, o que, de acordo com a professora responsável pela turma da APAE de Lavras, MG, é muito importante para o desenvolvimento pessoal dos alunos. Também foi possível notar que as atividades desenvolvidas ao longo das oito semanas, como por exemplo no transplante de mudas de alface, proporcionaram uma melhoria nas atividades motoras dos usuários (Figura

5). Quando indagados sobre o impacto do projeto nas atividades motoras, a maioria dos responsáveis consideraram muito positivo. Esses benefícios também foram notados em trabalho de Guimarães et al. (2020) que relataram a utilização do cultivo de hortaliças como eixo gerador de práticas pedagógicas promovendo um maior desenvolvimento nos aspectos relacionados à coordenação motora e à capacidade intelectual dos alunos por meio do trabalho prático.

Figura 5 - Participantes do ‘Projeto Inclusão Social - Aprendendo com as Diferenças’ realizando o transplante de mudas de alface no Setor de Olericultura da Universidade Federal de Lavras, MG.



Fonte: Arquivo dos autores (2020). Imagens autorizadas pelos responsáveis e pela Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), de Lavras – MG.

Diferente de outros projetos relatados na literatura que realizam a construção de hortas escolares específicas para a realização das atividades, neste projeto descrito, os participantes foram incluídos dentro da universidade, realizando práticas semelhantes às realizadas pelos alunos de graduação que desenvolvem atividades práticas como complementação a parte teórica. A atividade vivencial na UFLA refere-se à toda ação desenvolvida por estudante regularmente matriculado em curso de graduação, orientada por professor ou técnico com nível superior, responsável de qualquer unidade de ensino, pesquisa e extensão, realizada no âmbito da universidade, e que não possa ser enquadrada em nenhum outro programa institucional.

De acordo com o conceito da zona de desenvolvimento proximal, Cole, Scribner e Vygotsky (1998) afirmam que os processos internos de desenvolvimento só acontecem

quando o indivíduo interage com o outro e com o ambiente e, ao internalizar esses processos que fazem parte do desenvolvimento, independente do indivíduo, há como resultado o desenvolvimento mental. Partindo desse pressuposto, pode se afirmar que as atividades realizadas foram bastante significativas para os alunos, uma vez que permitiram o contato com outros indivíduos, como equipe que coordenava as atividades e também com os demais alunos da universidade que frequentavam o Setor de Olericultura. O projeto também permitiu a vivência de experiências em um ambiente diferente dos quais eles já estavam habituados, por meio do contato com laboratórios e estufas, como também na visita à universidade como um todo.

O projeto foi avaliado como muito positivo (66,7%) e positivo (33,3%) para a socialização dos alunos, sendo que 100% dos responsáveis observaram mudanças positivas no comportamento dos participantes após as atividades do projeto. De acordo com Silva, Alvarenga e da Silva (2019), o convívio do deficiente mental com outros indivíduos e com o ambiente, se faz necessário num contexto universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas.

Durante as atividades do projeto, buscou-se incluir os alunos em todas as etapas, de forma a não se reproduzir um discurso capacitista. De acordo com Vendramim (2019), o capacitismo é a concepção que se tem que pessoas com deficiência são menos capazes ou menos aptas. É muito importante que os projetos de inclusão social sejam realizados de forma a permitir que os seus participantes sejam protagonistas na realização de todas as atividades e não participem apenas como meros espectadores. Leonel e Leonardo (2014), amparados por meio da Teoria Vigotskiana, afirmam que a deficiência não pode ser colocada acima do aluno, que irá desenvolver suas funções psicológicas superiores, avançando em seu processo de humanização a partir das oportunidades de ensino ofertadas e das mediações adequadas.

Os responsáveis avaliaram de forma bastante positivas as ações realizadas e todos afirmaram ter interesse na continuidade do projeto. Entre as sugestões para a melhoria, destacaram a possibilidade de mais alunos participarem, a inclusão de mais espécies nas atividades práticas, sugeriram a realização de atividades em outros setores a exemplo dos que trabalham com manejo animal, e a maior divulgação das atividades e objetivos do projeto.

Para a realização de projetos similares, resultados ainda mais promissores podem ser obtidos se a equipe de apoio receber capacitação para acolher aos usuários e as suas especificidades, além do planejamento prévio das atividades que serão realizadas, a fim de potencializar os benefícios da prática de hortoterapia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A hortoterapia pode ser considerada uma importante ferramenta de ensino e inclusão e desta forma, o projeto ‘Inclusão Social - Aprendendo com as Diferenças’ permitiu ensinar aos participantes diversas práticas agrícolas comuns na produção de hortaliças, promoveu a melhoria da concentração e o desenvolvimento de atividades motoras, incentivou a implantação de hortas domésticas e o aumento no consumo de hortaliças, além de permitir a inclusão dos aprendizes dentro da universidade.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) do município de Lavras- MG, a Prefeitura Municipal de Lavras, a Universidade Federal de Lavras, ao IFSULDEMINAS e, de forma especial, aos funcionários do Setor de Olericultura.

REFERÊNCIAS

DE CAMARGO, R.; DE CARVALHO, E. L. J. C.; GUNDIM, D. P.; MOREIRA, J. G.; MARQUES, M. G. Uso Da Hortoterapia No Tratamento De Pacientes Portadores De Sofrimento Mental Grave. **Enciclopédia Biosfera**, p. 3634–3643, 2015.

COELHO, G. O papel pedagógico da extensão universitária. **Revista Em Extensão**, p. 11–24, 2014.

COLE, M.; SCRIBNER, S.; VYGOTSKY, L. **A formação social da mente**. 1998.

COSTA, C. G. A.; GARCIA, M. T.; RIBEIRO, S. M.; SALANDINI, M. F. DE S.; BÓGUS, C. M. Hortas comunitárias como atividade promotora de saúde: Uma experiência em Unidades Básicas de Saúde. **Ciencia e Saude Coletiva**, v. 20, n. 10, p. 3099–3110, 2015.

DOS SANTOS PACHECO, W.; SILVA OLIVEIRA, M. Aprendizagem e desenvolvimento da criança com síndrome de Down: representações sociais de mães e professoras. **Ciênc. cogn**, v. 16, n. 3, p. 2–14, 2011.

FEITOSA, V. A.; ABRANTES, S.; OLIVEIRA, A. DE; CARMEM, M.; ALENCAR, B. DE. A horticultura como instrumento de terapia e inclusão psicossocial. **Revista Verde de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável**, n. 83, p. 7–11, 2014.

GUIMARÃES, N. DE F.; SOUZA GALLO, A.; CARVALHO, E. M.; CORRÊA, A. L.;

SILVA, R. F. Horta orgânica como eixo gerador de práticas pedagógicas: um relato ocorrido na associação de pais e amigos dos excepcionais (APAE). **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 1, p. 1290–1304, 2020.

LEMONS, G. N.; MARANHÃO, R. R. **Viveiros Educadores - Plantando Vida**. 2008.

LEONEL, W. H. DOS S.; LEONARDO, N. S. T. Concepções de professores da educação especial (APAEs) sobre a aprendizagem e desenvolvimento do aluno com deficiência intelectual: Um estudo a partir da teoria Vigotskiana. **Revista Brasileira de Educacao Especial**, v. 20, n. 4, p. 541–554, 2014.

LOPES, G. M. B.; LACERDA, F. F.; ALBUQUERQUE, M. M. DE. Viveiros educadores na Caatinga – mitigação aos efeitos da mudança do clima no semiárido brasileiro. **Agrometeoros**, v. 26, n. 2, 2020.

REIS, M. A. L.; ALCÂNTARA, M. S. R.; COGHI, E. P.; CHAGAS, P. R. R. **Capacitação para implantação de horta escolar nas APAES de Mato Grosso do Sul: um método natural substituindo o convencional**. 2012.

ROSA, T. A.; HUBER, A. C. K. Conhecimento de práticas ambientais e agroecológicas aos assistidos da APAE (Bagé-RS). **Revista Congrega-Mostra De Projetos Comunitários e Extensão**, p. 47–51, 2018.

SILVA, C. J.; ALVARENGA, H. H. T.; DA SILVA, R. M. F. Práticas Interventivas Facilitadoras Do Desenvolvimento Cognitivo Do Deficiente Intelectual. **Revista da Universidade Ibirapuera**, p. 64–72, 2019.

SILVA, J. P. DOS S.; LARANJA, R. E. DE P. Atividades práticas em hortas escolares no processo de ensino e aprendizagem de Geografia para estudantes com deficiência intelectual. **Revista de Educação Popular**, v. 19, n. 2, p. 64–82, 2020.

VENDRAMIN, C. Repensando Mitos Contemporâneos : O Capacitismo. **Simpósio Internacional Repensando Mitos Contemporâneos**, p. 16–25, 2019. Disponível em: <<https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/simpac/article/view/4389>>.

Recebido em: 05 de março de 2021.

Aceito em: 08 de outubro de 2021.